



## PREVALÊNCIA DE PRÁTICA DE FUTEBOL FEMININO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

*Prevalence of female Soccer practice in basic education institutions*

André Luiz Varanda de Freitas<sup>1</sup>  
Alessandra Gama Barbosa<sup>2</sup>  
João Gabriel Martínez Alves<sup>3</sup>  
Tamires Domingos da Silva<sup>4</sup>  
Felipe Triani<sup>5</sup>  
Victor Gonçalves Corrêa Neto<sup>6</sup>

### RESUMO

A Educação Física é capaz de integrar pessoas, fazendo com que essas pratiquem atividades com igualdade. Com a escola, e, em seu contexto, oferta um espaço privilegiado de construções de significados capazes de discutir a cidadania. O objetivo desse estudo foi analisar a prevalência da prática de Futebol feminino como atividade extracurricular em escolas da zona sul do município do Rio de Janeiro. Sua realização tem base na pesquisa quantitativa, com coleta de dados por meio de um questionário aplicado em 22 (vinte duas) escolas privadas da zona sul do Rio de Janeiro. O estudo apontou um equilíbrio nos resultados entre as escolas participantes, em que 53% delas confirmam existir Futebol feminino como atividade extracurricular nas unidades escolares e as demais, em 47% disseram não existir. Concluindo, portanto, que ainda há escolas que devam implementar o Futebol feminino em suas aulas extracurriculares, visto o direito à igualdade entre meninos e meninas, e, que não cabe mais diferenciação de gênero, neste caso, na prática de atividades, inclusive no Futebol.

**Palavras-chave:** Educação Física. Futebol. Mulheres. Esportes. Educação.

### ABSTRACT

Physical Education is able to integrate people, making them practice activities with equality. With the school, and, in its context, it offers a privileged space for the construction of meanings capable of discussing citizenship. The aim of this study was to analyze the prevalence of the practice of women's Football as an extra-curricular activity in schools in the south of the city of Rio de Janeiro. Its realization based on quantitative research, with data collection through a questionnaire applied in 22 (twenty two) private schools in the south zone of Rio de Janeiro. The study pointed to a balance in the results between the participating schools, in which 53% of them confirmed that there was women's Football as an extra-school activity in school units and the others, in 47% said they did not exist. Concluding, therefore, that there are still schools that should implement women's soccer in their extra-curricular classes, given the right to equality between boys and girls, and that there is no longer any gender differentiation, in this case, in the practice of activities, including in the Soccer.

**Keywords:** Physical Education. Soccer. Women. Sports. Education.

<sup>1</sup> UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: decovaranda@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5317-3069>

<sup>2</sup> UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: alessandra1995gama@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0590-3845>

<sup>3</sup> UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: joaogabriel.ma@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7146-0723>

<sup>4</sup> UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: tamiresdomingos.17@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0934-8236>

<sup>5</sup> UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: felipetriani@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6470-8823>

<sup>6</sup> UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: victorgcn@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8349-279X>





## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Silva (2016), até a presente data não se obtém um dado concreto de quando e onde surgiu o esporte chamado Futebol, mas o que se sabe é que em muitas culturas antigas os povos já faziam algo parecido com o que chamamos hoje de Futebol, ou seja, brincadeiras de chutar bolas e outros objetos com formatos redondos, mas sem regras, e sem limites. Foi na Inglaterra, no século XX que o futebol passou a ser um jogo oficial, já com algumas regras no esporte, e tendo como principal objetivo do jogo chutar a bola e colocá-la dentro da meta de gol do adversário. Notts County, um time inglês, é considerado o primeiro time de futebol a ser criado no mundo, em 1862. Em dias recentes, o Futebol é o esporte mais popular no mundo inteiro, por ser fácil e simples e muito prático para se praticar, e ele não atrai somente os jogadores, mas também expectadores, que torcem pelos seus times.

De acordo com a Federação Internacional de Futebol (FIFA, 2013), órgão responsável pela supervisão, abrange sua responsabilidade sobre os seguintes esportes: Futebol, Futsal e Futebol de Areia. Esta Federação é uma organização não governamental, fundada em Paris, em 21 de maio de 1904. Em parceria com a FIFA, existem algumas confederações continentais que administram competições em suas áreas de atuações, como a Commebol na América do Sul, Concacaf na América do Norte, Central e Caribe, UEFA que é de toda Europa, AFC que é da Ásia e a OFC que é da Oceania. A FIFA tem o reconhecimento de 209 federações masculinas e 129 federações femininas em todo mundo. As regras criadas nesses esportes em que a FIFA é responsável, não são feitas por ela, existe um comitê que faz a discussão e ponderações das regras para o Futebol, Futsal e Futebol de Areia. Esse comitê é chamado de International Football Association Board (IFAB), fundado em 6 de dezembro de 1883.

Conforme Cabral (2009), o Futebol feminino nasceu em 1920, na Inglaterra. No Brasil, teve o primeiro jogo de Futebol feminino em 1921, com duas equipes: a Catarinenses e a Tremembeenses. A partida foi anunciada no jornal A Gazeta como uma atração curiosa de uma festividade. Pouco tempo depois, os circos utilizavam o Futebol feminino como uma das suas atrações ao público na época. É diversa a versão para o início da prática do esporte Futebol feminino no Brasil.

Salles; Silva e Costa (1996) buscaram ressaltar este início através de estudos e pesquisas orais e escritas. Foi analisada uma matéria do Jornal do Brasil, de 29/11/1976, cujas informações seriam que as primeiras partidas de Futebol feminino na praia teriam sido jogadas no Leblon, no mês de dezembro de 1975, sempre muito tarde da noite, tendo em vista que as jogadoras seriam empregadas domésticas.

Apresentando como possível verdade, que o Futebol feminino institucionalizado teria inicializado em meados da década de 1980. O Conselho Nacional de Desporto tem como fonte que o Futebol feminino esteve relacionado a algumas peladas de rua e a jogos beneficentes, citando um jogo ocorrido em 1959 por atrizes do teatro de revista, que realizaram uma partida beneficente no Pacaembu (BRASIL, 1965).



Segundo Salles; Silva e Costa (1996), a primeira liga do Futebol feminino no estado do Rio de Janeiro que consta que foi fundada em 1981, e muitos campeonatos que se seguiram eram patrocinados por diferentes empresas. Ocorreram, a seguir, o I Campeonato de Praia Feminino do Rio de Janeiro - Copertone Open de Futebol Feminino, o I Torneio de Futebol Society Feminino – Casas Pernambucanas; o I Copa Regine's Cinzano de Futebol Feminino, a Copa Unibanco de Futebol Feminino, e outros. Dessa forma, não é possível separar o início do Futebol feminino dos investimentos realizados no esporte pela iniciativa privada.

O Futebol se tornou o esporte mais popular do mundo todo, ele é praticado em mais de 150 países aproximadamente. Tal abrangência proporcionaria uma variedade de atividades desse esporte, favorecendo o desenvolvimento social, permitindo ações individuais de grande habilidade, além de ser de fácil organização. Nesse contexto, a modalidade ganhou um aumento regular e acentuado em relação ao número de praticantes, o que diversificou sensivelmente as possibilidades de investigação (ALVARENGA, 1998; WUOLIO, 1981; FRISSELLI; MANTOVANI, 1999).

O Futebol é uma dinâmica que emerge da interação dos jogadores e o modo como se relacionam é que faz com que se tenha uma dinâmica mais ou menos organizada dentro do jogo, mais ou menos bonita e mais ou menos criativa. A dinâmica desenvolvida pelos jogadores praticantes desse jogo transporta em si aquilo que o processo de treinos e competições modela e um espaço potencial que não se conhece. Desse modo, o jogo é uma dinâmica de interações modelada, que tem de comportar em si um espaço em aberto para o crescimento criativo dos jogadores e da equipe, para que se possam constituir sistemas inteligentes (GOMES, 2011).

Segundo Faria Júnior (1995), especialistas reconstituíram e identificaram as opiniões e leis a respeito da prática do Futebol feminino, ao longo do século. Alguns desses fatos e posições são bastante esclarecedoras em relação à concepção que vigorava sobre a prática feminina no esporte, ligada às dimensões da saúde, maternidade, razões estéticas e de feminilidade. Conforme argumentou o autor, o futebol é um desporto muito violento e prejudicial ao corpo e ao organismo não condicionado e apropriado a esses grandes esforços. Além disso, provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos. O mesmo autor ressalta que a prática desse esporte pelas mulheres proporcionaria um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, dando como exemplo estes traumas: tornozelos rechonchudos, pernas grossas arqueadas e joelhos deformados. Assim, como também já teria argumentado o autor contra a participação das mulheres no Futebol, afirmando que esse tem por finalidade desenvolver qualidades não visadas nas mulheres ou desnecessárias e desgraciosas a elas.

A legislação, do mesmo modo que o especialista, contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse apenas no final da década de 1980. Castellani Filho (1991), durante a ditadura militar, mencionou que o CND (Conselho Nacional de Desporto), através da Resolução n. 7/65, proibiu as mulheres de praticarem os seguintes, esportes: Lutas, Futebol, Pólo Aquático, Rugby e Baseball. Somente em 1986, o



referido Conselho reconheceu a necessidade de estímulo à participação esportiva das mulheres nas diversas modalidades do país. A escola deve ser um espaço privilegiado de construção dos significados éticos, necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade, igualdade de direitos, recusa de formas de discriminação e importância da solidariedade.

A Educação Física, por sua vez, não pode se recusar a colaborar com estes objetivos e funções na escola. A partir de década de 1990, passou a entender-se a disciplina na escola como uma área que trata da cultura corporal de movimento e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la e, também, transformá-la (BRASIL, 1998). Nesse sentido, o aluno deverá ser instrumentalizado para usufruir dos jogos, esportes, Danças, Lutas e Ginásticas, em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Assim, o papel da Educação Física na escola deve estar atrelado à formação do cidadão emancipado (DARIDO *et al.*, 2001).

Segundo Bourdieu e Passeron (1970), existem três tipos de “capitais”: financeiro (dinheiro, salário), cultural (conhecimento, saber fazer) e social (relações). Os indivíduos têm estes três “capitais”, mas em proporções diferenciadas. Em questões destas diferenças, é criada a estratificação social. Segundo ele, a escola é um lugar onde se reproduzem as desigualdades. Em função das origens sociais diferenciadas, os alunos tomam ciência do que são desigualdades de capitais e isso gera uma reprodução social.

A história da Educação Física mostra que ela foi sempre discriminatória, mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço de uma ideologia sexista. Para melhor exemplificar, na época da República, quando a Educação Física foi introduzida na escola, a ideia de estender a atividade prática também para o sexo feminino foi veementemente rechaçada pela opinião pública, inclusive por alguns pais que chegaram a proibir a prática de atividades físicas por suas filhas, mesmo com risco de vê-las perder o ano escolar (ROMERO, 1994).

Romero (1994) acrescenta que, durante o Estado Novo, a Educação Física serviu de instrumento ideológico à ditadura instalada, o governo militar investiu nessa disciplina em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração (entre os Estados) e na segurança nacional. Esse quadro acabou colaborando para que a participação feminina ficasse restrita às comemorações e desfiles cívicos, já que no campo esportivo, a maior concentração ficava centrada no sexo masculino. As atribuições do professor de Educação Física na escola vinculam-se à finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se, assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Nessa perspectiva, cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado. No entanto, na prática podemos observar uma diversificação de tratamentos para meninos e meninas, perpetuando os modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade.

O tema proposto originou-se de uma motivação gerada pela experiência pessoal dos autores do artigo em desenvolvimento. Além disso, os autores foram estimulados por questões



do desenvolvimento e crescimento do Futebol feminino nas instituições de ensino, como reflexo de uma diminuição na dificuldade que uma menina tem em jogar com os meninos, quebrando essa barreira. O esporte dentro da escola possui a capacidade de produzir e transmitir conhecimento, além de ensinar o valor do trabalho em equipe e desenvolver a sua parte física e motora. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a prevalência da prática de Futebol feminino como atividade extracurricular em escolas da zona sul do município do Rio de Janeiro.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

### **2.1 Tipo de pesquisa**

A natureza desta pesquisa é de campo e transversal, por ser um instrumento para reter informações e respostas para resolver um problema ou hipótese que se deseja testar sem controlar as variáveis intervenientes. Para a realização desta pesquisa, foi realizado um estudo descritivo, ou seja, que tem como objetivo observar, descrever, classificar e interpretar fatos ou fenômenos quantitativos (DYNIEWICZ, 2014).

### **2.2 Amostra**

O presente estudo teve uma amostra de 22 (vinte e duas) escolas privadas, nas quais seus responsáveis responderam a um questionário pré-elaborado pelos autores, para a coleta de dados sobre a prática do Futebol feminino na instituição de ensino. A seleção dos participantes foi realizada por uma busca por escolas particulares da zona sul do Rio de Janeiro.

Os participantes selecionados se enquadram nos critérios de inclusão da pesquisa: sendo que esses devem ser responsáveis diretos pela escola; a prática do esporte tem de ser dentro dos limites físicos da escola; e, os diretores, coordenador, professor e técnico tem de possuir formação em nível superior, pois foi considerado critério importante para dar maior credibilidade aos dados a serem coletados. Foram excluídas da pesquisa as escolas que não tinham quadra poliesportiva e as que a prática do esporte era feita fora do ambiente escolar.

### **2.3 Instrumento**

Para facilitar a coleta de dados foi aplicado um questionário, pré-elaborado pelos autores e validado sobre o critério de aprovação por três professores doutores da Universidade Estácio de Sá. As perguntas estão divididas da seguinte maneira: na primeira seção com três perguntas objetivas, sendo a segunda subdividida em mais duas e a terceira subdividida em mais quatro.



## 2.4 Procedimento

O questionário foi gerado através da plataforma do Google Forms. Foi incluído no início do questionário o TCLE para declaração do livre consentimento dos participantes da pesquisa.

O questionário foi enviado para os 22 (vinte e dois) responsáveis diretos de escolas particulares da zona sul do Rio de Janeiro para participarem da pesquisa, dentro do grupo pré-selecionado para a pesquisa sob os critérios de inclusão e exclusão.

Este estudo atendeu as normas para a realização de Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes que concordaram em participar foram informados de todo o procedimento da proposta de investigação e concordaram através do TCLE presente no questionário.

## 2.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados de maneira descritiva a partir de sua frequência absoluta e relativa.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo foi realizado com 22 (vinte duas) escolas privadas da zona sul do Rio de Janeiro. Inicialmente, foi perguntado sobre o cargo exercido pelos participantes do estudo.

Nos resultados, vê-se que das escolas participantes do estudo, 19 (86%) possuem quadra poliesportiva. Portanto, tornaram-se participantes do estudo, 19 escolas.

Sobre a oferta de atividade extracurricular, o resultado foi 18 (95%) das escolas participantes ofertam e 1 (5%) não oferta.

E, por fim, quanto à existência de Futebol feminino, os representantes das escolas, mostram que 10 (53%) confirmam a existência de Futebol feminino nas escolas participantes e que em 9 (47%) das escolas não existe tal atividade.

A tabela 1 retrata as prevalências por característica.

Tabela 1- Prevalência de características relacionadas à prática de Futebol feminino nas escolas.

Questão	Sim	Não	Número de Escolas
Existência de quadra poliesportiva.	19 (86%)	3 (14%)	22
Oferta de atividade extra curricular.	18 (95%)	1 (5%)	19
Existência de Futebol feminino como atividade extra-escolar nas unidades escolares.	10 (53%)	9 (47%)	19

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

As relações entre atividade física e as relações de gênero são confirmadas por meio de números que são categóricos ao revelarem importantes questões sobre essa temática. Em



pesquisa com 2000 pessoas de todo território nacional, identificou-se que dos brasileiros que praticam alguma atividade física, 62,5% são homens e 37,5% mulheres. A diferença da participação feminina e masculina em atividades físicas é bastante alta, mostrando a importância de reflexões sobre o que leva ocorrer tais diferenças (DARIDO *et al.*, 2001).

Em 1991, Souza Júnior realizou um estudo com meninas, perguntando a elas qual seria a opinião dos meninos em relação a meninas jogarem Futebol. As participantes responderam que eles passariam a considerá-las masculinizadas e também a ter medo que meninas ganhassem de meninos (DARIDO *et al.*, 2001).

Se o foco for à criação, pelo menos da geração anterior, pode-se colocar que, conforme Romero (1994), a diferença entre meninos e meninas está nos tipos de brincadeiras que foram incentivados. Para os meninos, as brincadeiras eram mais agressivas e livres e, já as meninas eram desencorajadas, e até mesmo proibidas, de praticarem brincadeiras e atividades desse tipo.

Faria Júnior (1995) dispõe sobre os efeitos que o Futebol gera nas pessoas, colocando-o como violento e prejudicial ao organismo, não habituado a grandes esforços, apontando, os órgãos femininos como os que mais sofrem com tal prática, pois, provoca congestões e traumatismos pélvicos.

Na contemporaneidade, esportes, Danças, Lutas, Ginásticas têm cada vez mais sido produto e objetos de informação alvo de divulgações do grande público. Observando a importância da cultura corporal, toda a mídia cada vez mais noticia informações sobre esporte e atividade física. Um número de informações que acaba por influir o imaginário social. Entendendo, assim, que Educação Física na escola não deva ignorar a mídia e as práticas corporais retratadas por ela, sendo a função da Educação Física na escola a integração crítica do aluno e a esfera corporal (BETTI, 1999).

Darido *et al.* (2001) mostrou um estudo realizado em 1991, num programa de Futebol feminino, em uma escola pública, por dois meses, foi verificada que a respeito da prática de Futebol, as meninas afirmaram ter acesso ao Futebol em casa, na rua, nas brincadeiras, que somente mais tarde tiveram acesso ao Futebol feminino na escola.

Não muito diferente, em estudos em 1997, foi apontado que atletas da seleção brasileira de Futebol feminino começaram a praticar Futebol nas ruas, clubes e praias, e que evitavam a escola. Revelando o quanto se evitava a escola como ambiente para a prática do Futebol feminino, fato que se dava pelo fato de se obter maior número de pessoas assistindo, e, que acabam intimidando as meninas pelo fato de ser uma atividade dita predominantemente masculina (DARIDO *et al.*, 2001).

Contudo, nesse universo existe a questão do fenômeno da exclusividade da prática do Futebol pelos meninos nas aulas de Educação Física, o que é apresentado pelo Daolio (1997), quando diz que no Brasil o futebol é área reservada masculina. Completando que é um esporte muito ligado ao estereótipo masculino, por ser um Futebol de contato, ligado à altivez e à força, diferente do feminino, frágil e dependente, explicando o papel coadjuvante das meninas no universo do Futebol, inclusive nas aulas de Educação Física nas escolas.



Salles (1998), em seus estudos, revela que nas aulas de Educação Física, na prática de Futebol, deve ser enfatizada a forma como se pratica esse esporte, a forma como o professor o conduz. Esse autor aponta, em seus estudos, que o professor divide a turma em meninos e meninas, e que assim, a prática do Futebol em conjunto limitava o desenvolvimento, principalmente dos meninos.

A explicação para o número menor de meninas em relação aos meninos na prática de Futebol nas aulas de Educação Física é dada por Candau (2002), ou seja, pode ser derivado do imaginário da sociedade em geral, uma sociedade que ainda tende a classificar pessoas segundo atributos considerados específicos de determinados grupos sociais. Isso pode ser resultado de fatores sociais, de uma visão “engessada” que cria fronteiras que separam de forma rígida os grupos sociais pelas características diferentes, neste caso, por gênero, onde ainda hoje, o Futebol é considerado como um esporte para meninos.

#### 4 CONCLUSÃO

De acordo com o estudo apresentado, das 19 escolas participantes do estudo que tem em suas dependências uma quadra poliesportiva, 95% delas, ou seja, 18 escolas ofertam atividade extracurricular, com a existência de Futebol feminino como atividade em suas unidades em 53% das escolas participantes. Esse número parece refletir que essa prática ainda deve ser mais estimulada na sociedade contemporânea.

#### REFERÊNCIAS

ALVARENGA, R. L. A biociência do movimento humano na escola. In: CONGRESO DE EDUCACION FÍSICA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, VI., Galícia, 1998. **Anais**, Galícia, 1998.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor?. **Motriz**, vol. 1, n. 1, p. 2531, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Lisboa: Vega, 1970.

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. **Baixa instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desporto pelas mulheres**. Deliberação n. 7-65, de 2 de agosto de 1965.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Educação Física. MEC: DF, 1998.

CABRAL, J. História do Futebol feminino. 2009. In: **Diário da bola**. Disponível em: <<http://jucabralfut.blogspot.com/2009/07/historia-do-futebol-feminino.html>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

CANDAU, V. M. F. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. **Educação**



**& Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 125-61, 2002.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1991.

DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; SILVA, E. V. M.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A. Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, p. 17-32, 2001.

DYNIWICZ, A. M. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 3. ed. Revista e ampliada. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2014.

FARIA JÚNIOR, A. G. Futebol, questões de gênero e coeducação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Revista de Campo, Futebol e Cultura Brasileira**, São Paulo, v. 2, p. 17-39, 1995.

FIFA. **Federação Internacional de Futebol Association**, 2013. Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br> . Acesso em: 20 abr. 2018.

FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: teoria e prática**. São Paulo: Phorte Editora, 1999.

GOMES, M. **O FC Porto campeão através de uma organização de equipe**, 2011. Disponível em: <http://www.zerozero.pt/coluna.php?>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ROMERO, E. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 15, n. 3, jan. 1994.

SALLES, J. G. C.; SILVA, M. C. P.; COSTA, M. M. A mulher e o Futebol: significados históricos. In: VOTRE, S. (Coord.). **A representação social da mulher na Educação Física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 1996.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular**. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SILVA, S. B. **Resumo da história do Futebol**, 2016. Disponível em: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist\\_futebol.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_futebol.html). Acesso em: 14 jan. 2020.

SOUZA JÚNIOR, O. M. Flores do campo. **Revista Veja**, São Paulo, v. 1468, p. 72-3, out. 1996.

WUOLIO, J. **Futebol: o jogo mais popular**. Rio de Janeiro: Salvat, 1981.

Submetido em 29/07/2020

Aceito em 28/08/2020

Publicado em 11/2020